

**ENTRE PRINCESA E HEROÍNA: BREVE ANÁLISE DE *IUPARESA*, DE
HERNANDO SANABRIA FERNÁNDEZ**

**BETWEEN PRINCESS AND HEROIN: A BRIEF ANALYSIS OF *IUPARESA*,
BY HERNANDO SANABRIA FERNÁNDEZ**

**ENTRE LA PRINCESA Y LA HEROINA: UN BREVE ANÁLISIS DE
IUPARESA, DE HERNANDO SANABRIA FERNÁNDEZ**

Pedro Albeirice da Rocha

Resumo

Este trabalho analisa o romance *Iuparesa* (1993) do escritor boliviano Hernando Sanabria Fernández (1912-1986). É um romance histórico, considerado juvenil, localizado espacialmente na região do Chaco, departamento de Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, e temporalmente no século XIX, quando aconteceu a última epopéia chiriguana, o chamado “levante de 1892”. O estudo justifica-se pela necessidade de se pesquisar as obras menos divulgadas da literatura hispanoamericana, bem como de realizar estudos que tenham como foco o papel da mulher como personagem. São objetivos específicos do estudo: analisar o romance *Iuparesa*, com atenção especial na personagem-título; valorizar a literatura hispanoamericana, através do estudo de uma obra sem grande repercussão internacional; perceber as características da protagonista *Iuparesa*, tendo em mente a reflexão conseguida pela leitura de textos ensaísticos a respeito da questão do feminino na literatura. A metodologia adotada para a realização deste trabalho constituiu-se de um levantamento bibliográfico para apoiar as reflexões acerca do papel de *Iuparesa* na narrativa.

Palavras-chave: *Iuparesa*. Feminino. literatura hispanoamericana.

Abstract

This work analyzes the novel *Iuparesa* (1993) written by the Bolivian writer Hernando Sanabria Fernández (1912-1986). It is a historical novel, considered for young adult public, located spatially in the Chaco region, Santa Cruz de la Sierra, Bolivia, and temporarily in the 19th century, when the last Chiriguana epic, the so-called “1892 uprising”, took place. The study is justified by the need to investigate the less published works of Spanish-American literature, as well as to carry out studies that focus on the role of women as characters. The specific objectives of the study are: to analyze the novel *Iuparesa*, with special attention to the title character; valuing Hispanic-American literature, through the study of a work without great international repercussion; perceive the characteristics of the protagonist *Iuparesa*, bearing in mind the reflection achieved by reading essay texts about the issue of the feminine in literature. The methodology adopted to carry out this work consisted of a bibliographic survey to support reflections on the role of *Iuparesa* in the narrative.

Keywords: *Iuparesa*. Feminine. Hispanic-American literature.

1. INTRODUÇÃO

A literatura hispanoamericana constitui interessante campo de pesquisa dentro da área *Cultura, Tecnologia e Aprendizagem* e, mais especificamente, da subárea *Cultura e Sociedade*, pois ajuda a pensar nosso continente no tempo (história) e no espaço (geografia). Pelo fato de o Brasil ser o único país lusófono próximo a muitos países de fala hispana, muitas vezes o estudo da literatura de nossos vizinho fica esquecido. Sofrem de igual desatenção a literatura juvenil e os estudos sobre o papel da mulher nas narrativas.

Este trabalho visa a contribuir para a divulgação dos estudos a respeito desses três “esquecimentos” dentro das pesquisas: a literatura latinoamericana; as narrativas para juvenis; e a discussão sobre o papel da mulher nos textos literários. Some-se a isto, dentro do primeiro tópico, o apagamento de alguns países na maioria das discussões dentro do contexto da literatura da América Latina. Portanto, justifica-se a escolha do romance juvenil boliviano *Iuparesa*, pelos seguintes argumentos: valorização da literatura boliviana, injustamente mantida à margem de boa parte das discussões sobre as letras hispanoamericanas; atenção ao público juvenil; incentivo ao protagonismo feminino, estudando-se seu papel na narrativa.

O problema de pesquisa é como o feminino se manifesta na narrativa do romance boliviano *Iuparesa*, de Hernando Sanabria Fernandez.

Para a realização do trabalho, foi escolhida a pesquisa bibliográfica, com base em parte dos estudos existentes sobre a questão feminina na literatura. Existe uma bibliografia relativamente extensa a respeito, tendo recaído a escolha sobre textos de Beauvoir (1975), Saffioti (1987), Woolf (1985), Floresta (1989) e Oliveira (1993).

O desenvolvimento deste artigo (*Em torno da questão da mulher*) é composto de duas partes: a revisão de literatura (*Visões sobre a mulher: marco teórico*); e a análise propriamente dita (*Aspectos do feminino em Iuparesa*), contemplando breve comentário sobre as características românticas do personagem Fernando e a análise sobre o papel da protagonista Iuparesa na narrativa.

O objetivo da pesquisa é descobrir a maneira como é apresentada a protagonista no romance *Iuparesa*, de Hernando Sanabria Fernández, dentro da perspectiva do feminino.

Descobriu-se que *Iuparesa* é apresentada pela narrativa num interessante entrelugar que contempla tanto a exaltação da mulher romântica quanto o elogio aos seus dotes de coragem, agilidade e diligência, estes últimos atributos normalmente conferidos apenas aos homens, nas narrativas românticas.

2. EM TORNO DA QUESTÃO DA MULHER

As discussões a respeito do papel da Mulher na sociedade passaram a ser maior foco de atenção a partir do século passado, impulsionadas, principalmente, pelos movimentos feministas. Mas, desde o século XIX, o trabalho de algumas intelectuais mulheres já apontava para esses avanços.

2.1 Visões sobre a Mulher: marco teórico

Foram escolhidos dois exemplos, um estrangeiro e um nacional, de escritoras que, ainda no século XIX, protagonizaram uma certa vanguarda no que tange à maior respeitabilidade pela presença da mulher na literatura e na sociedade.

A primeira, a inglesa Mary Shelley, chamou a atenção do mundo ao idealizar e levar a efeito a escrita de um romance que se tornaria emblemático. A força de *Frankenstein ou o moderno Prometeu* (1818) foi tão enfática, que a criatura (o “monstro”) passou a ser conhecida pelo nome de seu criador, o Dr. Frankenstein.

A gênese dessa narrativa chama a atenção, em especial. A autora estava, juntamente com o esposo, o poeta Shelley e amigos intelectuais, em uma hospedagem na Suíça. Ao que tudo indica, para reduzir o tédio e impulsionar a prática ficcional, propôs-se um desafio para aquela noite: criar-se uma narrativa. O resultado foi o embrião do romance já aludido, que tornou-se um clássico da literatura universal.

O outro caso, nacional, refere-se à intelectual potiguar Nísia Floresta Brasileira Augusta. Professora e escritora do século XIX, foi uma educadora destacada. Era seguidora do Positivismo de Augusto Comte. No Brasil, chegou a dirigir um educandário destacado no Rio de Janeiro. Admiradora da mãe de Mary Shelley, a inglesa Mary de Woolstonecraft, Nísia traduziu sua importante obra, que recebeu o título, em português, de *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*.

Outro livro de destaque, de sua própria autoria, o *Opúsculo Humanitário* (publicado pela primeira vez em 1853) chamou a atenção por apresentar interessantes discussões acerca da condição da Mulher no século XIX. A opressão patriarcal é o foco da discussão dessa obra.

Dentre as intelectuais que mais se destacaram na discussão do papel da mulher na sociedade, e mais especificamente na literatura, destaca-se Virginia Woolf (1882-1941). Membro ativo do *Grupo de Bloomsbury*, nome reconhecido nas discussões modernas sobre a Mulher, Woolf proferiu importante conferência no *Girton College* (Universidade de Cambridge), em 1928. Essa conferência seria publicada em forma de livro no ano seguinte, e chamou-se *A room of one's own* (1929).

Na obra, a intelectual demonstra que, para a escritora mulher obter sucesso em seu trabalho, seria necessário independência econômica e um quarto para si (OLIVEIRA, 1993, p. 114). Esta última expressão ganhou, em edições brasileiras, o sugestivo nome de *Um teto todo seu*.

Virginia Woolf, como ficcionista, celebrizou-se por obras nas quais o chamado “fluxo de consciência” tem lugar de destaque. Tal aparece em obras como *The Waves* (1931), um de seus principais trabalhos. No fluxo de consciência, apresentam-se reflexões sobre a condição feminina em um mundo patriarcal. Uma das autoras de nossa literatura que mais parece ter recebido influência de Woolf é Clarice Lispector.

Simone de Beauvoir (1908-1986), autora de romances, autobiografia e ensaios, manifestava, em seus trabalhos, preocupações com filosofia, política e sociologia.

Dentre suas obras, a que mais provocou interesse, e também polêmicas, foi *O segundo sexo* (1949), um tratado sobre a opressão das mulheres. É uma

obra fundamental para o estudo do feminismo contemporâneo. Uma de suas citações mais emblemáticas foi apresentada para embasar uma questão (Q5) no Exame Nacional do Ensino Médio, em 2015, provocando intensos debates:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino. (BEAUVOIR, 1975, introdução)

Essa discussão entre natureza e cultura tem ocupado tempo e muitas páginas, constituindo-se em interessante reflexão. Através do pensamento beauvoiriano, depreende-se que a condição de mulher é um construto social e não meramente uma questão fisiológica.

A feminista Rosiska Darcy de Oliveira (1944), por sua vez, enfoca em seus escritos e conferências o feminino emergente. Na esteira do pensamento de Simone de Beauvoir, a intelectual vê esse feminino emergente, a partir de suas reflexões sobre três fases da história da mulher: a visibilidade, a igualdade e a identidade. Masculino e feminino, para a autora, buscam, histórica ou miticamente, uma unidade perdida que jamais irão encontrar (1993, p. 113).

Oliveira também apresenta reflexões sobre a conferência de Virginia Woolf, anteriormente citada, lembrando que “o horizonte feminino passa a ser masculino”, à medida em que a mulher busca a liberdade, num projeto de florescimento, e de desenvolvimento de capacidades novas.

Outra presença teórica enfática é a da já citada Nísia Floresta Brasileira Augusta que, vivendo no século XIX, surpreendeu a sociedade ainda presa aos valores românticos de idealização da mulher, com reflexões e ações a favor da sua valorização e de luta pelos seus direitos. No prólogo da obra *Opúsculo Humanitário* (1989), Aduino da Câmara comenta o trabalho da intelectual potiguar. Para ele, seu idealismo “inspirava a luta pela educação da mulher e pela extinção de sua inferioridade.” (FLORESTA, 1989, p. xxviii).

Dos papéis atribuídos à mulher, um dos que mais caracteriza o patriarcado é a sedução. As meninas eram, para isto, preparadas desde a tenra infância. Afinal, era necessário atrair alguém do sexo oposto para um bom casamento, que era praticamente a única maneira de visualizar um futuro

de estabilidade econômico-financeira. Em *Opúsculo Humanitário*, Nísia Floresta conta a história de uma menina de apenas seis anos de idade que veio a falecer na escola que frequentava, como consequência do uso forçado do espartilho nessa tenra idade. (1989, p. 106-107)

Heleieth Saffioti (1934-2010) busca demonstrar em seu trabalho *O poder do macho* (1987) a existência de grande discriminação contra a mulher e o negro na sociedade brasileira. O livro lembra, já na sua chamada de contracapa, que “o poder é macho e branco”.

A questão da definição do lugar da mulher na sociedade patriarcal é muito cara à intelectual Heleieth Saffioti. Ela vê a necessidade de refletir a questão da opressão da mulher em três sistemas: o patriarcado, o racismo e o capitalismo. A respeito da influência da cultura sobre os papéis femininos, Saffioti lembra:

A sociedade investe muito na naturalização deste processo. Isto é, tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico à mulher decorre da sua capacidade de ser mãe. De acordo com este pensamento, é natural que a mulher se dedique aos afazeres domésticos, aí compreendida a socialização dos filhos, como é natural sua capacidade de conceber e dar à luz. (1987, p. 9)

O conjunto dessas ideias, aqui brevemente retomadas, representa o embasamento para nossas reflexões a respeito da protagonista *Iuparesa*, do romance boliviano homônimo, que serão expressas a seguir.

2.2 Aspectos do Feminino em *Iuparesa*

2.2.1 Um romance *cruceño*

Iuparesa é uma obra de juventude do consagrado ficcionista boliviano, da província de Santa Cruz, Hernando Sanabria Fernández, natural de Vallegrande e que viria a falecer em Santa Cruz de la Sierra. Sua obra é composta de 50 títulos publicados, fora um sem fim de artigos e ensaios esparsos, e é caracterizada pela pesquisa em defesa das manifestações culturais e da história e interesses de Santa Cruz e da nação boliviana. Suas obras mais destacadas são: *La muña ha vuelto a florecer*; *Tradiciones*,

leyendas y casos de Santa Cruz, e Luparesa. Não foram encontradas traduções, de qualquer delas, ao português.

A obra em análise neste artigo foi publicada, inicialmente, em 1984. Trata-se de um romance para adolescentes e jovens leitores baseado em um fato histórico, qual seja o chamado *levante de 1892*, a última epopeia chiriguana. Trata-se do chamado levante de Curuyuqui, que viria a ser a última resistência armada dos indígenas falantes do guarani no Chaco boliviano. Esta batalha foi, via de regra, encarada e historiada de diferentes maneiras: suicídio coletivo, morte sem rendição, morte da nação guarani. Foi, na verdade, a derrota dos índios guaranis para os soldados do Estado boliviano. (SILVA, 2013, p. 15)

Não é objetivo desta obra analisar em profundidade esses aspectos históricos, mas tentar perceber a maneira como é apresentada a protagonista *Luparesa*, indígena guarani, ao longo da narrativa. É o que se passa a fazer, a seguir, lembrando que os trechos que aparecem em português foram traduzidos pelo autor deste artigo. Desta parte em diante, quando forem citados apenas os números de página, fica convencionado que se trata do texto em espanhol original de Hernando Sanabria Fernández (1993).

2.2.2 *Luparesa, a prometida do cacique*

O enredo de *Luparesa* não apresenta grandes novidades, lembrando histórias de aventuras tradicionais, como as de Mayne Reed (1818 -1883) e Emilio Salgari (1862-1911), influências reconhecidas pelo próprio Hernando Sanabria Fernández, no breve prólogo ao seu romance. (1993, p. 9)

O enredo tem como protagonista *Luparesa*, índia chiriguana de fala guarani, que é capturada pela pequena tropa chefiada pelo capataz Fernando Bazán, em sua jornada pelo Chaco cruceño, na Bolívia, em direção a Yohay. Bazán lidera o grupo, e tem três cavaleiros a seu serviço: Gómez, Barreto e López. Num dado momento, eles são atacados por indígenas (em pouco número) e dão conta de vencê-los, aprisionando, na ação, a jovem *Luparesa*, sobre quem se descobriu, depois, ser prometida em casamento ao bravo líder Yaguarussu. A jovem provoca paixão no capataz e por ele manifesta igual

sentimento, sendo que esta trama se une ao fato histórico já mencionado para garantir um interessante enredo.

2.2.3 Qualidades de herói em Fernando

É interessante ter em vista um breve comentário sobre a personagem Fernando, que é objeto do amor da protagonista Luparesa. Ele é descrito pelo narrador de modo a evocar suas qualidades heróicas: tem “semblante nobre” e ares de distinção (p. 11), qualidades de herói romântico. Extensão de si mesmo, os animais de sua propriedade, também eram animais “de boa estampa” e “ágeis movimentos” (p. 11).

É interessante notar que o narrador caracteriza Fernando com qualidades viris. Ao ser inquirido sobre o risco de ataque dos índios por López, ele responde **energicamente**(grifo meu), “montando sua cavalgadura com habilidade de um verdadeiro ginete” (p. 22). À mesma página, o narrador segue descrevendo o herói de maneira altaneira: o capataz pede que os comandados tenham preparados os rifles, advertindo os companheiros “com sua habitual firmeza, mas sem deixar entrever qualquer frouxidão de ânimo”.

À sua coragem, adiciona-se, ainda, a qualidade de bom cristão e homem sensível, características que ficam evidenciadas pela narrativa. Ao encontrar o velho Illánez, brutalmente flechado pelos índios, mas ainda com vida, socorre-o e reduz a marcha em busca de salvá-lo, empreitada que não consegue realizar devido ao estado lastimável em que o ancião se encontrava. Mas, promete-lhe (e vem a cumprir) entregar à família do moribundo considerável soma em dinheiro que este lhe deixa, em confiança. Este é o herói com suas características galantes, para fazer jus a ser o par romântico de Luparesa.

2.2.4 A ousadia da *Água Adormecida*

Quando Luparesa foi detida, estava tentando socorrer um dos feridos de seu povo. Repare-se a atitude de nobreza e heroicidade. A índia se constitui, nas descrições que o narrador lhe confere, num misto de mulher idealizada e heroína.

Logo ao ser capturada, já torna-se fácil para Fernando constatar que ela era nobre em sua aldeia, a julgar pelos colares vistosos e pela indumentária: “Estou seguro de que seja filha, irmã ou mulher de algum cacique” (p. 40)

Alternam-se, na narrativa, as descrições de bravura e de idealização da mulher, com referência a Luparesa. Ao ser, ela, aprisionada, Gómez teve muito trabalho, pois a mesma reagia com mãos e pés “furiosamente”, buscando desvencilhar-se e fugir. (p. 40) Somente com a ajuda do companheiro Barreto foi possível conter a jovem. A propósito, a coragem da índia ficaria evidenciada, mais uma vez, quando, por ordem do capataz, Barreto se dirigiu a ela em guarani. Perguntada sobre sua identidade, ela guardou silêncio. Sendo fustigada, a índia respondeu movendo o corpo “agitadamente, golpeando Barreto com as costas e os ombros”. (p. 42)

Em seguida, a coragem se converte em ousadia, pois Luparesa “em um **esforço que teria invejado a um homem**” (grifo meu) desvencilhou-se e saltou, empreendendo uma carreira veloz. Note-se a escrita patriarcal e sexista, que vê nos gestos de coragem e ousadia atributos exclusivos do gênero masculino.

2.2.5 O Capataz Enamorado

Ao alcançarem um lugar seguro para pousar, Fernando manifesta simpatia pela jovem, ordenando a Barreto que afrouxasse a repressão: “Já está por demais tanta vigilância”, disse, pedindo que parasse de lhe apontar a arma. (p. 44) A atenção amorosa começa a se manifestar.

Uma vez em descanso, no pouso, o capataz-herói fixa o olhar na indígena, constatando que era muito jovem, “pouco mais que uma criança”, com as feições “muito mais graciosas que as mulheres de sua tribo” (p. 44). Vê-se que se está diante de uma mulher especial. E a descrição da heroína romântica prossegue: “desnuda a fronte, vivos os olhos, nariz bem proporcionado e, ainda que grande sua boca, havia nos carnosos lábios certa graça atraente”.

Nesse episódio, ao contrário da animosidade de alguns momentos antes, quando fustigada por Barreto, agora a jovem apresentava uma “atitude

tranqüila e serena e parecia como absorta na contemplação do lume que ardia a sua frente”. (p. 45) O primeiro esboço de diálogo romântico, então, se desenrola. Após observá-la por alguns minutos, Fernando dirige-lhe a palavra em guarani, perguntando seu nome. Ela responde, quase balbuciando, mas não sem antes o fitar de cima abaixo: *Iuparesa*. O capataz imediatamente traduz, “olhos de lagoa, de água adormecida”. Em seguida, apresenta uma investida, repleta de simpatia: “Bonito nome tens, cunhatai”. (p. 45)

O diálogo avança um pouco: ele consegue saber sua origem e para onde vai. Mas, a partir de maior curiosidade, a índia se fecha em mutismo.

A narração permite perceber, ainda na mesma noite, mais algumas descrições românticas da indiazinha. Não podendo conciliar o sono, Fernando observa e “à tênue claridade do céu estrelado, podia perceber o suave ressaltado de suas formas púberes, apenas cobertas pelo ligeiro *tipoy*” (espécie de saia guarani).

2.2.6 Entre princesa e heroína

O Grupo de Fernando seguiu adiante após o nascer do sol. Num descuido da tropa, *Iuparesa* empreende tentativa de fuga. Tendo se lançado no rio Parapeti, desafio natural enfrentado na jornada, a índia foi, porém, dominada pela correnteza. Mas o herói Fernando, “com vigorosas braçadas” a alcançou e arrastou (p. 61) Aqui a narrativa atribui à índia características de coragem. Por seu lado, Fernando é apresentado como portador de compaixão cristã (aumentada pelo sentimento de amor). Após salvá-la, mesmo tendo ela empreendido fuga, logo em seguida também impede que os demais vaqueiros batam na jovem: “Deixem em paz a *cunhã*, que já sofreu bastante com o susto”. (p.61)

E seguem demonstrações de intrepidez por parte da heroína: ao ser provocada em língua guarani, “limitou-se a olhar para ele, impassivelmente”. (p. 68) Mas, neste mesmo capítulo (*A conjura*), há elogios de idealização romântica, mais uma vez. Estando todos em descanso numa caverna e não conseguindo impedir que seus olhos se detivessem na jovem, o capataz reparou, então, “na esbeltez de seu corpo e na gravidade de seus ressaltos

femininos”, não lhe escapando “o lânguido olhar daqueles olhos que nada poderia qualificar melhor do que o belo nome dado a quem o portava: *águaadormecida*”. (p. 74)

Por essa ocasião, e por causa de uma quantia em dinheiro em poder do líder, os demais companheiros se deixam inflamar pela ambição, influenciados por Medina, que havia sido resgatado de um ataque de índios e acompanhava a comitiva. Ao perceber que este iria tentar contra a vida do capataz, a índia grita valorosamente, e esse gesto acaba por salvar a vida de Fernando. Não fora esse grito, Fernando teria recebido uma facada. (p. 77) Na sequência, López se preparava para atirar em Fernando à traição, mas Luparesa, sem que ninguém percebesse, tomou de outro rifle e atirou, passando a bala muito próximo ao traidor, “roçando sua cabeça” (p. 78).

Ato contínuo, os traidores fogem para fora da caverna, ficando acuados Fernando e a indígena, que o tranquiliza: “não se desespere, *caray*. Pode acontecer algo, ainda”. E “a mão de Luparesa apertou novamente a de Fernando, como para transmitir-lhe coragem”. (p. 80) A índia e o capataz, aos poucos, iam aumentando os gestos de carinho e admiração mútuos.

Fato que chama a atenção é o de que a índia, ao mesmo tempo que plena de coragem, mesmo ante a traição contra o capataz, mantinha-se serena, “tão serena como se nada fosse acontecer”. Na verdade, a índia já sabia, através de sinais trocados à grande distância, com seus irmãos, que estes preparavam um cerco à caverna. E esse cerco aterroriza o Grupo, já quase sem comida e água.

Por sua vez, Fernando, intuindo o desejo de fuga de Luparesa, para ir ter com seu povo, a advertiu que não se movesse, e o fez em tom “imperioso, mas não isento de amabilidade”. Percebe-se o domínio do homem, mas incluindo atitudes de carinho que conquistaram a heroína romântica Luparesa. (p. 90)

As suspeitas do capataz se confirmam, pois, pelo meio da noite, Luparesa empreende fuga espetacular, aproveitando-se de um descuido da guarda. Logo antes, num diálogo evocador de carinho e amabilidade, Fernando se impacientava um pouco com o jeito misterioso da jovem, mas estava preso à “simpatia que despertava em seu interior o remanso daqueles olhos insinuantes”. (p. 91)

Assim, o narrador vai conduzindo o leitor à dedução de que o amor aumentava no coração de ambos, capataz e prisioneira. Mas, fiel a seu povo, com a fuga, Luparesa se reuniria ao noivo Yaguarussu (*tigre jovem*), vindo a interceder junto a ele pela vida de Fernando. A narrativa prossegue, com a fuga do herói, acompanhado apenas de Barreto, pelo mesmo lugar por onde Luparesa havia escapado, até caírem, ambos, em mãos da gente de Yaguarussu, sendo aprisionados, sob vigilância do pajé. Os dois conseguiriam fugir, através de plano engendrado pela indígena em associação com o pajé da tribo. Enquanto a fuga é empreendida, as forças governamentais se preparavam para atacar os indígenas.

É então que se aproxima-se o fato histórico já mencionado, a batalha de Curuyuqui (que é também grafada como Kuruyuky) bem como outros ataques contra os aborígenes. No desenlace do enredo, surge a Fernando a oportunidade de tentar resgatar Luparesa do ataque das forças de Governo. Ele a encontra na mata, propondo-lhe casamento, envidando todos os esforços para que ela fosse viver com ele entre os brancos. Assim, Luparesa se vê diante da decisão de permanecer com seu povo ou entregar-se em definitivo ao homem branco por quem se afeiçoara. Estava ela no impasse pelo qual parece perpassar a trama toda: entre princesa e heroína.

Luparesa é, como se percebe, idealizada romanticamente como mulher plena de beleza e sedução. Mas, ao mesmo tempo, possui virtudes que a distanciam do estereótipo de mulher etérea, inatingível, estereótipo este tão caro aos românticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *Luparesa*, de Hernando Sanabria Fernández pode ser considerado um clássico da literatura juvenil hispanoamericana, mais precisamente da Bolívia. Apresenta uma história de amor e aventura, tendo como pano de fundo, principalmente, os fatos antecedentes e a própria batalha de 1892, em Curuyuqui.

A hipótese se confirmou: o romance apresenta Luparesa, mulher forte apresentada por meio das lentes românticas da idealização do amor e da

mulher. Mas, algumas atitudes da indígena mostram uma condição para além da posição de submissão total da mulher romântica, o que fica evidenciado por diversas passagens da narrativa que foram apresentadas no artigo.

Os objetivos da pesquisa foram alcançados, pois foi possível descobrir como a protagonista é apresentada, levando-se em conta as características apresentadas pelo narrador, tendo em mente as reflexões constantes na revisão de literatura. Este artigo cumpre, também, a meta de divulgar a literatura hispanoamericana menos conhecida, ou seja, aquela que fica à margem dos grandes sucessos internacionais. Apresenta, ainda, ao público brasileiro, um romance histórico quase totalmente desconhecido em nosso País.

Espera-se, com este trabalho, incentivar outros pesquisadores a se debruçar sobre obras menos estudadas da literatura hispanoamericana, especialmente da literatura juvenil, muitas vezes esquecida e considerada “menor”. E sugere-se que seja empreendida a tradução ao português desse importante romance, a fim de que seu interessante enredo seja conhecido do público brasileiro.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: A experiência vivida. Tradução: Sérgio Milliet. 3ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1975. v.2., introdução. 380p.

FERNANDEZ, Hernando Sanabria. **Iuparesa**. La Paz: Librería Editorial Juventud, 1993. 173p.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário**. São Paulo: Cortez Editora e INEP, 1989, 164p.

FLORESTA, Nísia. **Direitos das mulheres e injustiças dos homens**. Tradução livre de texto de Mary de Woolstonecraft *A vindication of the rights of woman*. São Paulo: Cortez Editora e INEP, 1989, 180p.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. A cicatriz do andrógino. In **Elogio da diferença**: o feminino emergente. São Paulo: Brasiliense, 1993. P. 113-133

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo, Scipione, 1987, 120p.

SHELLEY, Mary. **Frankestein ou o moderno Prometeu**. Tradução de Éverton Ralph. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1998, 221p.

SILVA, Mathiel Danieli da. **Os chiriguanos e a batalha de Kuruiuky(1892):** historiografia. Dissertação de mestrado. Dourados-MS: Universidade Federal da Grande Dourados, 2013. 103p.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, 100p.

WOOLF, Virginia. **The waves**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004, 180p.